



A CAPOEIRA ANGOLA NA CONTEMPORANEIDADE DA CIDADE DE GOIÁS (1980-2010)

Paulo Sérgio Gomes Ferreira de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
pauloege@gmail.com

RESUMO

Este ensaio é um exercício que tem por finalidades investigar e explorar a presença da Capoeira Angola na cidade de Goiás. Para isso, delimita-se a proposta de análise por meio da história cultural, ampliando os conhecimentos acerca das histórias da capoeira Angola na contemporaneidade, na cidade de Goiás, campo ainda merecedor de atenção na produção historiográfica, em Goiás. O estudo busca criar espaço para repensar questões relativamente importantes para o reconhecimento da Capoeira Angola na comunidade da cidade de Goiás.

Para isso, o estudo vai analisar as representações simbólicas de poder no ritual da roda de Capoeira Angola, de forma que, possamos refletir os seus significados simbólicos e representações de poder, intimamente ligados às concepções de identidades culturais e projetos de memórias, reelaborados nesse espaço. Nesse sentido, a proposta deveria focalizar os pontos de articulações, colaboração, contestação, posicionamento social, de forma que possamos visualizar os atos e definições de suas próprias ideias sobre a sociedade na cidade de Goiás, durante o período proposto, podendo recuar ou avançar, mediante a temporalidade dos fatos.

Estudar a manifestação da capoeira Angola na contemporaneidade é um campo inovador e tal categoria na produção historiográfica poderá contribuir para o reconhecimento dessa prática cultural, assim, busca-se fazer o diálogo entre o presente e o passado, tendo nas concepções de identidades culturais e projetos de memórias as suas representações simbólicas de poder, terreno para as reflexões que, provavelmente nos levarão a compreender e responder questões como: Quais os papéis sociais dos capoeiristas na contemporaneidade?

A proposta de pesquisa sobre as representações simbólicas de poder no ritual da roda de Capoeira Angola na contemporaneidade, na cidade de Goiás, passa pelas contribuições de Pasavento, (2005), identidades culturais, com base em Hall (2006), projetos de memórias norteados por Halbwachs (2004) e os pontos de articulação, colaboração, contestação nos atos de definição das ideias sobre a sociedade de Bhabha, (1998). Assim, fizemos o recorte nas décadas de 1980 a 2010, podendo recuar ou avançar, mediante a temporalidade dos fatos.

AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NO RITUAL DA RODA DE CAPOEIRA ANGOLA NA CIDADE DE GOIÁS.

Este ensaio é um exercício que tem por finalidades investigar e explorar a presença da Capoeira Angola na cidade de Goiás. Para isso, delimita-se a proposta de análise por meio da história cultural, ampliando os conhecimentos acerca das histórias da capoeira Angola na contemporaneidade, na cidade de Goiás, campo ainda merecedor de atenção na produção historiográfica, em Goiás. O estudo busca criar espaço para repensar questões relativamente importantes para o reconhecimento da Capoeira Angola na comunidade da cidade de Goiás.

Para isso, o estudo vai analisar as representações simbólicas de poder no ritual da roda de Capoeira Angola, de forma que, possamos refletir os seus significados simbólicos e representações de poder, intimamente ligados as concepções de identidades culturais e projetos de memórias, reelaborados nesse espaço. Nesse sentido, a proposta deveria focalizar os pontos de articulações, colaboração, contestação, posicionamento social, de forma que possamos visualizar os atos e definições de suas próprias ideias sobre a sociedade na cidade de Goiás, durante o período proposto, podendo recuar ou avançar, mediante a temporalidade dos fatos.

Estudar a manifestação da capoeira Angola na contemporaneidade é um campo inovador e tal categoria na produção historiográfica poderá contribuir para o reconhecimento dessa prática cultural, assim, busca se fazer o diálogo entre o presente e passado, tendo nas concepções de identidades culturais e projetos de memórias as suas representações simbólicas de poder, terreno para as reflexões que, provavelmente nos levarão a compreender e responder questões como: Quais os papéis sociais dos capoeiristas na contemporaneidade?

A proposta de pesquisa sobre as representações simbólicas de poder no ritual da roda de Capoeira Angola na contemporaneidade, na cidade de Goiás, passa pelas contribuições de Pasavento, (2005), identidades culturais, com base em Hall (2006), projetos de memórias norteados por Halbwachs (2004) e os pontos de articulação, colaboração, contestação nos atos de definição das ideias sobre a sociedade de Bhabha, (1998). Assim, fizemos o recorte nas décadas de 1980 a 2010, podendo recuar ou avançar, mediante a temporalidade dos fatos.

Parafraseando Sandra J. Pasavnto: *“A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência”*. Assim, a representação não é uma cópia do real, um reflexo perfeito da imagem, mas é uma construção reelaborada a partir dele. Nesse sentido, a roda de Capoeira Angola na cidade de Goiás é um mergulhar no passado da capoeira, sempre emergente nas histórias reelaboradas pelos capoeiristas na cidade de Salvador.

O ritual da roda faz emergir das lembranças, as experiências dos capoeiristas que viveram na modernidade, imortalizados nos cantos foram responsáveis pelas configurações das

linhagens tradicionais que os capoeiristas contemporâneos pelas memórias do ritual da roda fazem a manutenção.

A prática da capoeira Angola na contemporaneidade são espaços que nos remetem sempre ao passado, assim, encontramos as raízes ancestrais da Capoeira Angola da cidade de Goiás, nas tradições da cidade de Salvador. Por meio do simbólico do ritual da roda podemos encontrar as raízes no canto, nas roupas, na formação da bateria, na forma que é ensinada na cidade de Goiás.

Assim, as representações simbólicas expressas nas músicas, toques, expressões, formas de ensinar, mitos, as ligações ancestrais da capoeira e as relações históricas entre a cidade de Goiás e Salvador são evidências que podemos observar na organização da roda. É no ritual da roda de capoeira Angola que, configura-se as semelhanças ancestrais da seguinte forma: Três berimbaus no centro, sendo que o da cabaça maior, fica à esquerda, o médio no centro, a viola à direita, dois pandeiros ocupando as laterais, o atabaque à direita, agô go e reco reco à esquerda, indicam a linhagem tradicional que a escola de capoeira Angola da cidade de Goiás tem como referência simbólica nas escolas de Capoeira Angola de Salvador. Como podemos ver na foto abaixo:



Foto: Patrícia Mousinho. 2014.

Na imagem da foto podemos encontrar as semelhanças entre a capoeira vivenciada na Associação Anunciando a Consciência negra com o Grupo de Capoeira Meninos de Angola, fundado na década de 1980 e, o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, gestado por Pedro Moraes



Trindade – Mestre Moraes, em Salvador. Para entendermos as representações simbólicas, perpetuadas além fronteiras, precisamos conhecer os detalhes que assemelham na formação da roda. A roda é pois a assembleia que tem como mediador, o representante na figura do mestre, ele é que preside, ocupa se de representar na tradição os velhos mestres da modernidade os que já estão mortos, exercendo o papel do ausente e o poder, pois tem mais conhecimento sobre o ritual da roda de Capoeira Angola, tem a responsabilidade de transferência dos conhecimentos e de ocupar o lugar de poder substituído e representando já falecido e imortalizado nos cantos, expressões, posicionamentos sociais reelaborados. No canto, encontramos vivos os mestres já mortos, sendo lembrados pelos seus ensinamentos naquele que o representa e substitui, ocupando o lugar de poder.

Nas rodas de capoeira Angola na cidade de Goiás são lembrados os mestres ausentes do passado que nunca foram conhecidos pelos capoeiristas contemporâneos, são lembrados nos cantos, expressões, organização da bateria, hierarquias. Assim, esses são representados na forma simbólica que emerge das memórias na coletividade da assembleia e, imortalizados no ritual, lembrados pelas suas experiências e ensinamentos que se tornam fundamentos organizacionais da roda, depois de ausentes e mortos como: Besouro Mangangá, Mestre Pastinha, Valdemar da Paixão, que sempre são lembrados seus ensinamentos nos cantos, expressões, mitos, comportamentos, fundamentos, assim, de acordo com Pasavento, (2005), representar é: *“estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.”*(PASAVENTO, 2005).

A presença de um mestre ausente no ritual da roda de capoeira é lembrada pelas memórias dos mestres presentes, os mestres mortos são lembrados pelos mestres vivos, responsáveis pela continuidade de seus ensinamentos. Assim, pois uma outra pessoa pode representar e manter viva essa ausência, ou seja, a ideia de substituição recoloca a ausência, substituindo e torna sensível a sua presença. Assim, a representação no jogo, no canto, ocasiona a substituição simbólica de pessoas do passado, muitas vezes mortos, que tem sido representados e



ocupados o seu lugar de poder no ritual da roda de Capoeira Angola na cidade de Goiás, pois os seus significados de ocupar no ritual da roda é poder, representa as lembranças dos mestres do passado, as experiências vividas por meio dos cantos, expressões, organização no ritual, vestígios do passado, reelaborado no presente, temporalmente emergido pela roda de capoeira Angola na contemporaneidade.

No ritual os cantos e expressões lembram o passado do qual os capoeiristas contemporâneos não viveram, relembram o tempo da escravidão africana, das lutas pela libertação, da condição social que no passado, denotava bem os lugares ocupados pelos capoeiras, assim, podemos encontrar nos cantos as memórias de lutas e resistência no período da colonização, nesse sentido, a roda nos transfere a um passado de representação simbólica de poder, histórias dos africanos que foram trazidos com a colonização portuguesa para o Brasil.

É no ritual da roda que encontramos os seus sentidos ocultos reelaborados ao longo da configuração de sua história, passado de geração em geração, pois, se internalizaram no inconsciente coletivo e, são emergentes nas memórias e apresentadas de formas naturais, dispensando as reflexões, pois, quando olhamos para as manifestações da capoeira Angola, não vemos os africanos no ritual da roda no presente, mas sabemos inconscientemente de sua ancestralidade histórica cantadas, nos transportando a um passado das suas raízes étnicas, presente na dança, cantos, expressões, símbolos e, de acordo com Pasavento, (2005):

As representações são portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada de um contexto dado no tempo. (PASAVENTO,2005, pag. 41).

A capoeira Angola na cidade de Goiás está intimamente ligada a religiosidade tradicional do Candomblé, os capoeiristas tem função importante na manutenção dos ritmos que são tocados para que aconteçam essa pratica religiosa. Os capoeiras muitas vezes são os Ogans, ministros na religião do candomblé, sempre tiveram papel importante na manutenção desse



imaginário que precisa da música e do som dos tambores. Pois nele se reelaboram as ideias que dão uma forma de organicidade e olhares sobre a cidade que vivem.

Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber – fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito. (PASAVENTO, 2005, pag. 43).

Outra contribuição para compreendermos a representação do imaginário da roda é as identidades dos capoeiristas que estão intimamente ligados as religiões de matrizes africanas, umbanda, candomblé, nelas eles encontram suas identidades ancestrais com novas formas de ler a cidade e sociedade que vivem. O imaginário possibilita uma organiza de sistema de ideias e de representações que emergem do coletivo e, que dão sentido par além do ritual da roda de capoeira, articulando no espaço que os capoeiristas vivem socialmente, um novo olhar e, de acordo com Pasavento: *“Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.”* (PASAVENTO, 2005).

Porém é preciso entender na roda o capoeirista por meio do imaginário e o sistema de ideias que vão sendo inseridas pelo ritual cotidiano os remete a articulação que o leva a compreensão de que pertence as histórias que são lembradas e que representa e constitui um conjunto dotado de relativa coerência, na articulação do grupo, se tornando parte das referências desse sistema vivenciado no presente que o remete ao passado que conhece pelas memórias representadas de forma coletivas.

Assim, dá a ideia sobre a construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade temporalmente, como se aponta para o fato de que essa construção da roda é social, pois os capoeiristas do presente, tem a responsabilidade de fazer a manutenção nos rituais na cidade de goiás, de histórias que ocorreram no passado e distantes de sua realidade local, mas reelaboradas como identidades e projetos de memórias que sentem se pertencentes desse legado.



Dessa forma, a ideia do imaginário como sistema remete a compreensão de que ele constitui num conjunto dotado de relativa e coerência na roda, fornece o terreno para a articulação, colaboração, contestação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais e significados compreendidos por quem pertence, constrói sobre a realidade, novas leituras sobre o mundo que o capoeirista visualiza, aponta para o fato de que essa construção é social e histórica.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. "O local da Cultura". Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenso de Lima reis, Gláucia Renate Gonçalves, IV edição, Belo Horizonte, Ed. UFMG2007.

CHARTIER, Roger "O mundo como representação" *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, abril, 1991.

FOCAULT, Michel. "Sobre a História da Sexualidade". In: *Microfísica do poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. 24 Edição. Rio de Janeiro. Ed. Graal p.X

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: (org) "Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais". Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

HALBWACHS, Maurice. "A Memória Coletiva", Título original Frances: *La Memoire Collective-2°*. Ed. PressesUniversitaires de France-Paris. França. 1968. Tradução: BENOIR, Laís Teles. São Paulo, Ed. Centauro.2004.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Coleção História e Reflexões. 2. Ed. 1reimp – Belo Horizonte. Editora Autentica, 2005.

PASTINHA, Ferreira. "Manuscritos de Vicente Ferreira Pastinha ou Mestre Pastinha", Biblioteca municipal de Salvador, BA.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano "A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)". Campinas. Ed. UNICAMP 2002.

SOUZA, Francisco Lins. "A Capoeira Regional e a Influencia da Era Vargas na sua construção". (UFG) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008, P.38-39.



TRINDADE, Pedro Moraes. *“Do lado de cá da kalunga: os africanos angolas em Salvador - 1800-1864”*. Dissertação de Mestrado, UFB, Salvador – Bahia. 2008.

VIDOR, Letícia Souza Reis. *“A roda da capoeira: O mundo de pernas para o ar”* Tese de Doutorado, Brasília. Ed. UFB 2002.